

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais

2



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais

2

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: aspectos pedagógicos e socioculturais 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: aspectos pedagógicos e socioculturais 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0091-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.912221205>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**A Educação enquanto fenômeno social: Aspectos pedagógicos e socioculturais**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O CONCEITO E SUA APLICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Nicoli Cavriani Doganelli

Diólia de Carvalho Graziano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212051>

CAPÍTULO 2..... 10

PRÁTICAS LÚDICAS, INCLUSÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Moira da Silva Quadros Darian

Genigleide Santos dos Hora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212052>

CAPÍTULO 3..... 15

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E ENVOLVIMENTO PARENTAL: PERCEPÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maraysa Paulino Figueiredo Fonseca

Paula Azevedo de Ávila

Renata Christian de Oliveira Pamplin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212053>

CAPÍTULO 4..... 28

HOMESCHOOLING NO BRASIL: ENTRE A INTENSIFICAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS E A NEGAÇÃO DO SERVIÇO/ENSINO PÚBLICO

Christianne Grazielle Rosa de Alcântara Belfort

Lucia Cristina dos Santos Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212054>

CAPÍTULO 5..... 39

EXPERIMENTOS VIRTUAIS SIMULADOS PARA O ENSINO DE FÍSICA

Luciano Soares Pedroso

Giovanni Armando da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212055>

CAPÍTULO 6..... 50

O PAPEL DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Djane Alves Victor

Alexsandra Felipe de Andrade

Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212056>

CAPÍTULO 7	62
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: VISÕES DE PROFESSORES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Adriana Torquato Resende	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212057	
CAPÍTULO 8	72
TUTORIA PERSONALIZADA POR MEIO DE VÍDEO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Alessandra de Paula	
Ricardo Alexandre Deckmann Zanardini	
Ivonete Ferreira Haiduke	
Roberto Candido Pansonato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212058	
CAPÍTULO 9	77
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICS) NA EDUCAÇÃO: OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS ELETRÔNICOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A INOVAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO	
Patricia Baldow Guimarães	
Flávio Leal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9122212059	
CAPÍTULO 10	87
LA INTENCIÓN EMPRENDEDORA Y LA FELICIDAD COMO FACTORES DETONANTES DE ÉXITO: CASO NIÑAS EMPRENDEDORAS	
Martha Silvia Torres Hidalgo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120510	
CAPÍTULO 11	98
A IMPORTANCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM (LUDOTERAPIA)	
Maria Gislaine Santana	
Maria Judilândia de Santana Ricaldes	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120511	
CAPÍTULO 12	108
A INFÂNCIA DE ERICO VERÍSSIMO: O PRAZER DA LEITURA	
Michele Ribeiro de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120512	
CAPÍTULO 13	119
USO DE PLANILHAS ELETRÔNICAS COMO FERRAMENTA PARA REDUÇÃO DA DISTÂNCIA TRANSACIONAL: PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA DISCIPLINA DE ESTATÍSTICA	
Lourdes Souza Utrilla da Silva	
Augusto Takerissa Nishimura	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120513>

CAPÍTULO 14..... 128

A PROMOÇÃO DA CULTURA DA LEITURA NOS ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO: O CASO DO PROGRAMA RODAS DE LEITURA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DA CIDADE DE MAPUTO

Aníbal João Mangué

Felipe André Angst

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120514>

CAPÍTULO 15..... 138

REFLEXIONES Y RELEVANCIA DEL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO

Mafaldo Maza Dueñas

Vanessa García González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120515>

CAPÍTULO 16..... 152

O ENSINO DE CIÊNCIAS E AS CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO CRÍTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DA DISCIPLINA FÍSICA

Sandro Augusto Oliveira de Sá

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120516>

CAPÍTULO 17..... 165

ATUAÇÃO INOVADORA DO GESTOR E APOIO AO COORDENADOR DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL EM PROJETOS TECNOLÓGICOS

Idamara Rodrigues de Quadros Vidal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120517>

CAPÍTULO 18..... 170

A GESTÃO EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DA PRÁXIS EDUCATIVA

Lidnei Ventura

Nataliê Andiará Be Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120518>

CAPÍTULO 19..... 180

SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DOS ASSISTENTES SOCIAIS

Teresinha Gomes Fraga

Leonia Capaverde Bulla

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120519>

CAPÍTULO 20..... 188

COMO OS JOVENS DA GERAÇÃO Z APRENDEM

Tháís de Almeida Giuliani

Paulo Rurato

Ana Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.91222120520>

SOBRE O ORGANIZADOR.....	202
ÍNDICE REMISSIVO.....	203

A INFÂNCIA DE ERICO VERÍSSIMO: O PRAZER DA LEITURA

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 08/03/2022

Michele Ribeiro de Carvalho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - RJ

<https://orcid.org/0000-0003-4880-8773>

lattes.cnpq.br/0282136354321194

RESUMO: O presente estudo é fruto de um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)* concluída em 2016. Objetiva refletir sobre o prazer proporcionado pela leitura, a partir do exame da autobiografia, do escritor gaúcho Erico Veríssimo, intitulada *Solo de Clarineta* (2005). Aqui, a leitura é entendida como um processo interativo em que são necessários, além dos conhecimentos linguístico e textual, o conhecimento de mundo, por isso, os círculos de sociabilidade dos quais participou Erico Veríssimo são, também, objeto de breve reflexão. Autores como Chartier (1991; 2004), Molloy (2003) e Arfuch, (2010) foram importantes para a escrita deste artigo, uma vez que oferecem instrumentos para analisar e tensionar as informações compartilhadas pelo escritor Erico Veríssimo com seus leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Erico Veríssimo; narrativa autobiográfica.

ERICO VERÍSSIMO'S CHILDHOOD: THE PLEASURE OF READING

ABSTRACT: The present study is the result of an excerpt from the master's dissertation entitled *Memórias de Erico Veríssimo: Primeiras Leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*, completed in 2016. It aims to reflect on the pleasure provided by reading from the examination of the autobiography of the writer Erico Veríssimo, entitled *Solo de Clarineta* (2005). Reading is understood here as an interactive process, in which linguistic and textual knowledge and knowledge of the world are necessary, therefore, the sociability circles in which Erico Veríssimo participated are also the object of a brief reflection. Authors such as Chartier (1991, 2004), Molloy (2003) and Arfuch (2010) were important for the writing of this article, as they offer tools to analyze and tense the information shared by the writer Erico Veríssimo with his readers.

KEYWORDS: Reading; Erico Veríssimo; autobiographical narrative.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto de um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*¹ defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ.

1 CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Com o objetivo de refletir sobre o prazer proporcionado pela leitura, examinamos a autobiografia do escritor gaúcho Erico Veríssimo, intitulada *Solo de Clarineta* (2005). Nascido no ano de 1905, no interior do Rio Grande do Sul, na pequena cidade de Cruz Alta, Veríssimo, desde a sua infância, teve a literatura presente em sua vida, com histórias contadas ou lidas no ambiente familiar. Conforme narra em seu livro autobiográfico, as histórias eram baseadas na combinação da tradição oral dos empregados da casa de sua família, com a cultura escrita, que vivenciava no contato com os livros de seu pai, os amigos da família e os médicos que trabalhavam na farmácia paterna, que traziam bulas de remédios e propagandas de produtos farmacêuticos. Assim, a familiaridade com a leitura, juntamente com a noção de algo conhecido e doméstico é recorrente em seu livro autobiográfico. Para Erico Veríssimo, a descoberta literária, a leitura dos livros ficcionais era um prazer.

Roger Chartier define a leitura como sendo “sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p.178), dependente do lugar e do momento em que é realizada. Para ele, a leitura, como uma prática inventiva, é o resultado de várias maneiras de ler. Manusear o livro já torna a leitura uma prática particular e com características peculiares.

Por entendermos a leitura como um processo interativo, em que são necessários além dos conhecimentos linguístico e textual, o conhecimento de mundo, entendemos que os círculos de sociabilidade² dos quais participou Veríssimo, durante sua vida em Cruz Alta, influenciaram na aquisição dos mecanismos da leitura pelo menino e, mais tarde, o prazer que sentia ao ler literatura nacional e internacional. Considera-se, ainda, que as escritas (auto)biográficas são um “campo profícuo e fértil para a história da educação.” (VASCONCELOS; CORDEIRO; VICENTINI, 2014, p. 20).

2 | A RECUPERAÇÃO E ANÁLISE DAS FONTES

A autobiografia pode ser entendida como uma construção narrativa, na qual uma pessoa se debruça sobre o seu passado com o olhar do presente, recorrendo à memória repleta de mitos e de criações do imaginário pessoal e coletivo. Ela é uma representação, um tornar a contar, uma vez que a vida a que se propõe narrar, é uma construção.

O trabalho com autobiografias, como fonte para uma pesquisa histórica, suscita desafios, visto que esse gênero textual parece encerrar uma tentativa do seu autor de sobreviver a sua própria morte. Portanto, não se deve confiar, plenamente, no que é narrado em um livro de memórias, inclusive, acerca do processo de aquisição da leitura, porque é um adulto que escreve sobre um passado distante, e, sendo assim, é provável que ocorram distorções em suas reminiscências que podem ser coloridas por experiências literárias

² Tais círculos podem ser entendidos como a própria casa onde morava, a farmácia paterna, frequentada por amigos de seu pai, médicos e fregueses, além da escola e as ruas da cidade, locais em que se relacionava com amigos. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996

posteriores. Por isso, recorreu-se a textos e trabalhos publicados por pesquisadores da área, tais como Chartier (1991; 2004), Molloy (2003) e Arfuch, (2010), para tensionar as informações compartilhadas pelo escritor Erico Veríssimo com seus leitores.

Os relatos autobiográficos ainda permitem o conhecimento dos “processos e modos de educação de uma geração ou de um grupo social numa época ou contexto determinado” (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 230-231). Ao construir uma narrativa autobiográfica, o sujeito cria uma imagem de si próprio, que constitui uma instância da realidade, uma vez que ela pode se originar nos fatos ou nascer dos sentimentos e emoções que conformam a lembrança. Um mesmo acontecimento pode ser narrado com alterações de nomes, datas, lugares e ainda assim ser verdadeiro.

A fim de entender a relação do sujeito com os materiais de leitura recorreremos, nos limites desse texto, a Molloy (2003) para quem “o encontro do sujeito com o livro é crucial: o ato de ler é frequentemente dramatizado, evocado em uma particular cena de infância que subitamente confere sentido a toda a vida.” (MOLLOY, 2003, p. 33). Por isso, cenas de leitura são encontradas em diversas autobiografias, já que é esse um momento de construção do homem, enquanto membro de algo maior que ele. Em autobiografias, a leitura é apresentada, de forma quase religiosa, como uma busca ansiosa por novos livros, a insistente associação da leitura à imagem de um mentor.

A escrita de autobiografias transforma o próprio autor do texto em leitor de suas memórias, pois escrever os acontecimentos de sua vida faz do autor um leitor quando “recorta, do curso do indiferenciado, os elementos suscetíveis de entrar na composição.” (ARFUCH, 2010, p. 225). Seria por meio de suas leituras que o escritor definiria sua dupla identidade: autor/leitor.

A análise da autobiografia *Solo de Clarineta* (2005) consistiu em uma leitura preliminar dos dois volumes que a compõem. Após, foram destacados os trechos que narram as práticas de leitura do menino e do jovem Erico Veríssimo. A análise desses trechos permitiu observar a existência de memórias agradáveis e de lembranças pouco felizes sobre determinados livros lidos, assim como, as reflexões do autor sobre como suas experiências de leitura auxiliaram na formação do escritor reconhecido pelas malhas do sistema literário.

3 | AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DO MENINO DE CRUZ ALTA

A leitura varia histórica e socialmente, pois depende das formas de sociabilidade, das representações e da individualidade. A partir dela, sentidos e significações são construídos. Por isso, “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros.” (CHARTIER, 1988, p. 123). Ela não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das

formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer e das concepções da individualidade (CHARTIER, 2004, p. 173).

O prazer em ler tem relação com a lembrança de textos e de leituras, que se juntam e penetram na leitura atual, imprimindo um significado para aquele que lê, que se apropria daquilo que foi lido de forma única. Um mesmo texto pode ter diferentes compreensões, e não apenas para diferentes leitores, mas para diferentes momentos da vida de um mesmo leitor.

As relações estabelecidas com os grupos, com os quais nos relacionamos e aprendemos, nos possibilitam ler fluentemente, nos permitem a prática de ler. Por isso,

[...] aprendemos a ler, de modo fluente, nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola. Nesta perspectiva, a leitura não consiste em atividade natural, tampouco em hábito. (SILVA; MARTINS, 2010, p. 23).

Erico Veríssimo, ao lembrar momentos de leitura, quando criança no quintal de sua casa, narra o trecho a seguir, no qual, ao descobrir um livro perdido na biblioteca paterna, demonstra toda a imaginação da criança que transforma objetos da casa em aspectos da história lida e se imagina como a personagem tão admirada.

Uma das maiores descobertas literárias de meus dez ou onze anos foi um livro encadernado que encontrei um dia no fundo de uma gaveta. [...] No alto da capa um nome: Júlio Verne. Pouco abaixo, estas palavras: Viagens Maravilhosas. Contra a encosta de um rochedo, o título do romance: A casa a vapor. [...] Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão³ e comecei a leitura. [...] À noite, na cama, terminei a leitura daquele primeiro tomo do romance. [...] No dia seguinte, saí em busca do segundo volume de A casa a vapor. [...] durante todo aquele ano e no seguinte fui O Herói de Quinze Anos, passei Cinco Semanas em Balão - e a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Cap. Nemo para percorrer Vinte Mil Léguas Submarinas⁴. (VERÍSSIMO, 2005, p. 124).

Erico Veríssimo rememora que muitos livros a ser lidos foram encontrados na biblioteca de seu pai – descrita como ricamente composta –, como no caso da continuação do livro *A casa a vapor*⁵. Um levantamento de materiais de leitura mencionados em *Solo de Clarineta*, volumes I e II, indica o acesso do menino, rememora o escritor, não só aos livros da biblioteca paterna, mas também às revistas francesas, jornais de circulação na cidade, à revista *O Tico-Tico*⁶, além dos impressos da farmácia de seu pai.

3 Esse é outro nome para nespereira, árvore cujo fruto é amarelo e doce.

4 O trecho se refere a algumas obras escritas por Júlio Verne, autor francês nascido em 1828.

5 *A casa a vapor* (1880), escrito por Julio Verne pouco depois da Revolta dos Cipaiais, conta as viagens de um grupo de colonos britânicos no Raj, em uma casa com rodas, puxada por um elefante mecânico movido a vapor. Verne usa a casa mecânica, como uma técnica para que o leitor viaje na Índia do século XIX.

6 Publicação infantil brasileira que circulou de 1905 a 1977. Essa revista foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no país. O modelo seguido pela *Tico-Tico* era o da revista francesa *La Semaine de Suzette*, personagem que foi publicada pela revista com o nome de Felismina. Era publicada em dois tipos de papel, com quatro páginas coloridas e as restantes usavam no lugar do preto e branco habitual uma combinação de branco com vermelho, verde ou azul. O primeiro exemplar custava 200 réis e permaneceu com esse preço até a década de 1920. O personagem mais popular da revista, Chiquinho, era uma cópia não autorizada de Buster Brown, criado por Richard Felton Outcault. Outros personagens que faziam muito sucesso foram Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Mickey Mouse fez sua estreia em quadrinhos no

Michèle Petit, antropóloga que nos auxilia a pensar sobre a biblioteca, no caso estudado a biblioteca institucional, no nosso caso a biblioteca familiar, formada por livros comprados, ganhos, como local que pode tornar-se “como uma terra de liberdade, de eleição” (PETIT, 2008, p. 168), no qual a mediação acontece e onde “a pessoa entra, procura alguma coisa, um livro, e logo descobre outro.” (PETIT, 2008, p. 179).

Com relação aos livros, percebemos, ao longo da leitura de sua autobiografia, que alguns foram herdados de familiares próximos de Erico, como sua avó Adriana, e que passaram a fazer parte da biblioteca paterna, mesmo que o dono não aparentasse dar muita importância para eles, como lemos em: “Vendo-me interessado no volume, meu pai me informou: ‘Esse livro pertencia à tua avó Adriana. É um romance em dois tomos. Não sei onde estará o segundo’” (VERÍSSIMO, 2005, p. 124, grifos do autor).

Erico Veríssimo lia com afeição livros que descobria no escritório paterno e lhe interessavam: “Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comecei a leitura. (...) À noite, na cama, terminei a leitura daquele primeiro tomo do romance” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 124), continuando as lembranças sobre tal episódio, Erico fala sobre “as palavras *cipaio*, *Bombaim* e *nabalo* [que] exerceram logo sobre o meu espírito um poderoso sortilégio. Continuei a ler o capítulo com voracidade.” (VERÍSSIMO, 2005, p. 124).

Quando criança, Erico Veríssimo relata que pegava alguns livros de seu pai, aqueles com imagens, para ver as figuras e inventar histórias para elas.

Creio que também foi no tempo desse impávido navio que eu andava lendo com enorme interesse – mais certo seria dizer “vendo as figuras” – os livros do caricaturista francês Benjamin Rabier [...]. (VERÍSSIMO, 2005, p. 66).

A leitura de imagens é uma narrativa produtora de sentido e, também, fruto das experiências do leitor. Ao decifrar imagens contidas em um livro, emprestamos à história uma voz e um vocabulário. Logo, uma criança que começa a ter contato sistematizado com livros, já realiza uma leitura desses materiais, quando explica e justifica as diferentes cenas ali contidas. Dessa forma, mesmo sem ter conhecimento sobre o alfabeto, exercita sua liberdade leitora, visto que conta a história, de acordo com a sua criatividade, sem a obrigação de repeti-la.

pais em 1930, nas páginas de *O Tico-Tico* e era chamado de *Ratinho Curioso*. Além das histórias infantis e passatempos, incluiu temas da História do Brasil e contos literários em capítulos seriados. Algumas obras estrangeiras como as de autoria de Mark Twain, Robert Louis Stevenson, Julio Verne, Miguel de Cervantes, William Shakespeare, Jonathan Swift, Daniel Defoe, entre outros, também foram publicadas.

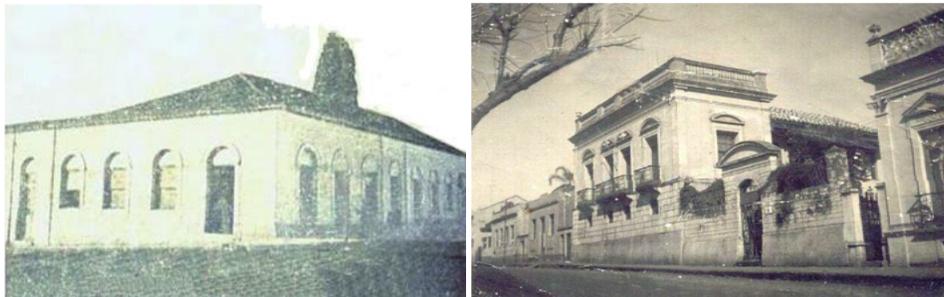


Figura 1 - Colégio Elementar Venâncio Aires e Sobrado dos Veríssimo (à direita).

Fonte: Acervo da Cidade de Cruz Alta.

O autor relembra que sua reação ao ler os livros utilizados na escola e indicados por sua professora era diferente ao ler os livros da biblioteca paterna. Aqueles que encontrava no escritório de seu pai lhe interessavam a ponto de não mais esquecer suas histórias, já os da escola lhe aborreciam, com suas histórias arrastadas.

Feios, mal impressos em papel amarelado e áspero – [...] eles nos apresentavam a história do nosso estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas) (VERÍSSIMO, 2005, p. 265).

Em outro momento, Veríssimo compara as histórias criadas pelo menino Estevão⁷, aos livros cujas leituras eram cobradas pela instituição escolar:

Para o menino acostumado aos pitorescos contos de Estevão -com seus punhais malaios, seus suplícios chineses, duelos e guerras -, aquelas inocentes fábulas das duas irmãs eram-me insuportavelmente aborrecidas, a ponto de me provocarem bocejos. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 98).

Erico Veríssimo poderia ser mais um brasileiro, que, ao crescer fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, teria acesso rarefeito ao livro, principalmente ao livro de literatura, pois, segundo Hallewell, “em 1917 eram poucos os pontos de venda de varejo e praticamente limitados *aos bairros mais ricos* do Rio e de São Paulo.” (HALLEWELL, 1985, p. 311, grifos nossos).

A respeito das possibilidades que a leitura representa, Petit (2008) considera que ela permite ao leitor sonhar, elaborando, assim, seu próprio mundo, visto que a leitura deixa espaço para pensar, refletir, reler. Dessa forma, a leitura “liberta” o leitor das características geográficas, culturais e sociais que o limitam de certa maneira, pois é “uma aventura em que a paisagem interior [do leitor] se transforma.” (PETIT, 2008, p. 8).

Recordo as primeiras linhas do capítulo I, intitulado “Uma cabeça posta a prêmio” [...] As palavras *cipaio*, *Bombaim* e *nababo* exerceram logo sobre o meu espírito um poderoso sortilégio. Continuei a ler o capítulo com

⁷ Filho de empregados, o menino contava histórias cheias de aventuras para Erico Veríssimo e outras crianças da vizinhança, de acordo com *Solo de Clarineta* (2005).

voracidade. O tronco, os galhos, as folhas e as frutas da nespereira pareciam também interessados no romance e liam por cima de meu ombro. Que me importavam as emanções fétidas da sentina? Ou as moscas que zumbiam ao redor de minha cabeça? Eu *estava* na Índia das vacas sagradas, dos faquires, do Ganges. [...] (um passarinho cantou, empoleirado num dos galhos da ameixeira, mas para mim não se tratava duma corriqueira corruíra e sim dum exótico e multicolorido pássaro da misteriosa Índia.). (VERÍSSIMO, 2005, p. 124-125).

Procuramos demonstrar como a leitura e seus espaços têm papel “na descoberta, na construção, na reconstrução de si mesmo e na invenção de outras formas de compartilhar que não as que nos oprimem ou nos restringem.” (PETIT, 2013, p. 14).

Acreditamos ser no contato com as histórias ouvidas e vividas que o homem, em seu contexto social, elabora representações para compreender o mundo e nele se conduzir. Não que tenhamos o objetivo de minimizar o papel da escola na aprendizagem da leitura, pelo contrário, entendemos ser ela um espaço em que as “práticas precisam ser refletidas e sistematizadas”, pois é dela o papel, “antes de qualquer outro, de promover o ensino da leitura e da escrita.” (SILVA; MARTINS, 2010, p. 26).

Por entendermos a leitura como um processo interativo, em que são necessários os conhecimento lingüístico e textual e o conhecimento de mundo, entendemos que esses círculos de sociabilidade, dos quais participou Veríssimo durante sua vida em Cruz Alta, influenciaram a aquisição dos mecanismos da leitura pelo menino e, mais tarde, o prazer que sentia ao ler literatura nacional e internacional.

Para Erico, a descoberta literária, a leitura dos livros ficcionais era um prazer.

Uma das maiores descobertas literárias de meus dez ou onze anos foi um livro encadernado que encontrei um dia no fundo de uma gaveta. (...) No alto da capa um nome: Júlio Verne. Pouco abaixo, estas palavras: Viagens Maravilhosas. Contra a encosta de um rochedo, o título do romance: A casa a Vapor. Vendo-me interessado no volume, meu pai me informou: “Esse livro pertencia à tua avó Adriana. É um romance em dois tomos. Não sei onde andarás o segundo.” Fui sentar-me ao pé da ameixeira-do-japão e comeci a leitura. (...) À noite, na cama, terminei a leitura daquele primeiro tomo do romance. (...) No dia seguinte saí em busca do segundo volume de A casa a vapor. (...) durante todo aquele ano e no seguinte fui O Herói de Quinze Anos, passei Cinco Semanas em Balão – e a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Cap. Nemo para percorrer Vinte Mil Léguas Submarinas. (VERÍSSIMO, 2005, p. 124).

Como um refúgio para a sua atividade de leitura, a ameixeira-do-japão é escolhida por Erico Veríssimo para ler, a sua sombra, os livros descobertos no escritório paterno. Seria essa a “leitura da intimidade” (MANGUEL, 1997), ou aquela realizada em um ambiente escolhido pelo leitor.

[...] a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Capitão Nemo para percorrer Vinte Mil Léguas Submarinas. Foi também uma grande jangada que desceu o rio Amazonas. E enquanto eu me identificava com Phileas Fogg a árvore foi sucessivamente trem, balão, trenó,

vapor. (VERÍSSIMO, 2005, p. 119).

Erico Veríssimo ora lia debaixo da ameixeira, ora lia em sua cama. O importante é que se deixava “transportar” para os cenários da história que lia, não só no imaginário, mas sentindo que fazia parte do enredo.

Em um trecho do livro de memórias, ele narra:

O tronco, os galhos, as folhas e as frutas da nespereira pareciam também interessados no romance e liam por cima de meu ombro. Que me importavam as emanações fétidas da sentina? Ou as moscas que zumbiam ao redor de minha cabeça? Eu estava na Índia das vacas sagradas, dos faquires, do Ganges. (VERÍSSIMO, 2005, p. 124).

Como que para reafirmar essa liberdade que tem o leitor, Erico relembra que

Confesso que saltei por cima das muitas dissertações puramente geográficas ou históricas de Júlio Verne, e que não consegui (fiz muitas tentativas) ler a série que tinha como título geral. As grandes viagens e os grandes viajantes. O que me interessava em seus romances não era a cultura, mas a aventura. (VERÍSSIMO, 2005, p. 126).

Se para Barthes (1996), o ato de contar e ouvir histórias é uma espécie de jogo de sedução, Erico rememora como puro contentamento ouvir Estêvão, “guri dotado duma rica imaginação, um mestre da ficção oral” “mulato [que] teria mais ou menos a mesma idade que eu.” (VERÍSSIMO, 2005, p. 94), contar suas eletrizantes histórias. Os meninos da vizinhança sentavam-se “ao pé da ameixeira-do-japão” e ouviam “quase diariamente o folhetim de aventuras que o Estêvão nos narrava, episódio por episódio, descobrindo sempre um jeito de nos deixar em suspense.” (VERÍSSIMO, 2005, p. 94).

Estêvão, com sua habilidade, sabia, que ao levantar questões do tipo: “Passaria o trem por cima do corpo da linda moça que os bandidos haviam amarrado aos trilhos? É o que veremos no próximo capítulo.” (VERÍSSIMO, 2005, p. 94), criaria uma atmosfera de suspense que levaria seu público a voltar no dia seguinte para ouvir o desfecho da história. Os meninos voltavam e, interessados, faziam perguntas quando não entendiam algo.

Será que podemos pensar que passagens como essa influenciaram o menino a querer ser, um dia, um contador de histórias, um escritor de tantos livros lidos por tantos leitores?

Talvez, o próprio Erico Veríssimo responda a esse questionamento...

Meu pai tomara para mim uma assinatura da revista carioca O Tico-Tico. Estou certo de que suas histórias muito contribuíram para a germinação da semente do ficcionista que dormia nas terras interiores do menino. (VERÍSSIMO, 2005, p. 83).

Benjamim afirmava sobre a leitura que

[...] um livro, uma página de livro apenas, por menos ainda, uma simples gravura em um exemplar antigo, herdado talvez da mãe ou da avó, poderá fertilizar o terreno no qual a primeira e delicada raiz desse impulso começa a

se desenvolver. (BENJAMIN, 1984, p. 48).

Lembremos que “a formação do leitor não é natural e requer diálogo constante com a cultura e com a história”, e, ainda, que “as primeiras experiências significativas com a leitura, as que ficam verdadeiramente registradas, dizem respeito muito mais a um ambiente de leitura do que com a alfabetização no sentido estrito.” (SILVA, 1999, p. 162).

“A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (CHARTIER, 1999, p. 77). Por sua vez, Barthes (1996) defende que o prazer em ler tem relação com a alegria de estar em um lugar de onde se pode sair quando quiser, permitindo-se lembrar de outros textos e de outras leituras, que se juntam e penetram na leitura atual, imprimindo um significado para aquele que lê, que se apropria daquilo que foi lido de forma única, uma vez que, como diz Altieri, “o texto é um organismo maleável dentro do ambiente social, que toma formas e funções distintas através de contextos diferentes, que não só ser lido, ou ainda, não só ser lido e compreendido de uma única forma.” (ALTIERI, 2010, p. 5).

Uma vez saído das prensas, o livro é suscetível a diversas formas de uso, pois existem diferentes formas de ler de acordo com a época, o lugar e o ambiente. Dependendo da época em que for lido, um mesmo texto assumirá significados diferentes, até mesmo por uma mesma pessoa, que, com o passar dos anos, pode ampliar seu horizonte de possibilidades de compreensão. E cada vez que retornar ao texto, seja aquele que tem como suporte o livro ou as páginas de um manuscrito, significa que este texto lhe proporciona prazer e desperta o desejo de ler, pelo menos mais uma vez, a história já conhecida, mas não ultrapassada.

O que fez Erico Veríssimo senão se descobrir, se construir e se reconstruir, enquanto lia e descobria novos lugares, novas histórias, novas possibilidades? As leituras realizadas no quintal de casa, aos pés da nespereira, abriam espaço para o segredo, para a livre escolha e para as descobertas, deixando espaço para um sentimento de resistência às imposições externas, permitindo a procura por novidades, por histórias que extrapolem seu entorno e lhe permitam afastar-se de seu ponto de início (CARVALHO, 2016, p. 143).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limites deste estudo, indicamos que, se por um lado, o trabalho com a autobiografia do escritor Erico Veríssimo pôde fornecer rica matéria para pesquisa acerca do livro e da leitura, por outro, não parece que seja uma fonte esgotada.

A escolha de uma autobiografia, com os filtros, com os lapsos de memória, com os acréscimos que podem acontecer nas lembranças daquele que se propõe a contar sua história, como fonte para uma pesquisa sobre as primeiras leituras realizadas por um menino, que anos mais tarde, se tornaria um escritor renomado, mostrou-se um desafio e fez-nos buscar autores que pudessem nos auxiliar na pesquisa, por meio de pistas que nos

levassem a um entendimento de como o criador de tantos romances e novelas laureados, se recordava de sua condição de aprendiz, de leitor e de escritor, e permitissem realizar uma análise das imagens de leitura presentes em *Solo de Clarineta*.

A literatura entrou na vida de Erico Veríssimo ainda na infância, com as histórias contadas ou lidas no ambiente familiar, baseadas na combinação da tradição oral com a cultura escrita. Assim, a familiaridade com a leitura e a noção de algo conhecido e doméstico é recorrente em sua autobiografia.

Ao lermos *Solo de Clarineta*, observamos que o escritor gaúcho reconhecia a importância de outros escritores e das leituras do tempo de “meninice”, compartilhadas com diferentes personagens de sua história, para sua formação de leitor e autor de romances que foram sucesso de vendas no Brasil e em outros países. Os livros lidos durante a infância e a juventude, o inspiraram ao criar suas histórias, seus romances e seus livros de memórias, como os relatos de suas viagens e sua autobiografia.

Trajetória singular de um menino de uma cidade interiorana, que abandonou o colégio para trabalhar em um armazém de sua cidade natal.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço autobiográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. **Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)**. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan/apr., 1991.

_____. Textos, impressões, leituras. In: Hunt, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 211-238.

_____. **A aventura do livro**: Do Leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade** – mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-31.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito - a escrita autobiográfica na América hispânica**. Chapecó: Argos, 2003.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Márcia Cabral da. **Infância, de Graciliano Ramos: Uma História da Formação do Leitor no Brasil**. 196 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida (Org.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino.

VASCONCELOS, Mari Celi Chaves; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; VICENTINI, Paula Perin (Orgs.). **(Auto) biografia, literatura e história**. 1. Ed. – Curitiba: CRV, 2014.

VERÍSSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. **Solo de Clarineta - II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. Teias - Revista da Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UERJ, n.1, jun. 2000.

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

A educação enquanto fenômeno social:

Aspectos pedagógicos
e socioculturais

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2